

**TIVE UM SONHO ESTRANHO**

**Marco Antônio de Araújo Bueno**

É curioso como esta expressão precede quase sempre a narrativa de um sonho! Mesmo com pacientes acostumados a sessões de análise onde se procura, depois de minuciosas explicações introdutórias, "desconstruir" essas engenhosas e intrigantes formações da alma.

Não é por falta de espírito científico também, que emprego aqui esta palavra; ela foi eleita pelo Dr. S. Freud para designar o "teatro das operações" (perdoem esta misteriosa analogia bélica...) dos fenômenos psíquicos.

Não esperem cientificidade destes meus comentários. É que proponho apenas, enveredarmos juntos pelos fascinantes meandros da cotidiana função de...sonhar.

Não queira, leitor pragmático, convencer-se de que não sonha; nem, leitor romântico, confunda o sonhar com almejar ou idealizar. Como já estabeleci antes, trata-se apenas de uma função psíquica, imprescindível à saúde da alma, tal como o dormir o é para a saúde do corpo!

Retomando o emprego da palavra alma, originalmente proposta pelo pai da Psicanálise, é interessante constatar que, foi por ocasião da enlouquecida investida nazista, quando não só os judeus e homossexuais foram perseguidos, mas também as idéias "exóticas" e a obra de Freud, que estas, entrincheirando-se na Inglaterra e fugindo da fogueira, foram revestidas por um criterioso e "mentalista" manto de cientificidade, dando origem às difundidas palavras anglo-latinas- "ego", "id" e "superego" em lugar de "eu", "isso" e "supereu".

É, portanto da sua e da minha alma cotidiana que nos ocupamos em desvendar. Menos, em tratar aqui com um prudente afastamento do divã. A propósito, quando o dr Freud percebeu que, a julgar pela indiferença e desprezo da comunidade científica da época por seus achados teóricos, estaria pregando no deserto ou falando às paredes, deslocou o eixo de sua escritura, voltando-o imediatamente em direção ao grande público, ávido desde sempre por

conhecimentos dessa natureza. Fracasso de crítica (pelo menos, da academia médica) estouro de vendas, o seu “Die Traumdeutung” dobrou o novo século festivamente acolhido pelo leitor leigo, tal como aconteceria com um outro texto fundamental pra Psicanálise – “A Psicopatologia da Vida Cotidiana”. Citei o nome do primeiro em alemão em vista da duplicidade e abrangência de sentidos: “A Interpretação dos Sonhos” sugere tanto que os mesmos sejam passíveis de interpretação quanto que funcionem como chaves de interpretação da própria vida anímica, ou seja, da alma-literalmente – “seelen(alma)” e “lebens(vida, existência).

Era esta a idéia: os sonhos podiam interpretar ou lançar luzes sobre os subterrâneos da motivação humana. Esta obra é amplamente apontada como sendo a certidão de nascimento de uma nova Teoria e prática clínica que atravessou todo o século XX, ora mais encastela da nas ortodoxias excludentes das Sociedades Psicanalíticas, ora banalizada nos manuais da cultura de massa ou até despersonalizada pela Psicologia do Ego norte-america. Entretanto, foi assim que a genialidade da obra sobreviveu ao impiedoso vaticínio, segundo o qual a teoria de Freud continha elementos relevantes e originais; porém o que tinha de original não era relevante e o que era relevante não tinha originalidade! Quando nos deparamos com a afirmação de que o sonho cumpre uma função psíquica, via de regra nos surpreendemos. Afinal, para que serviria sonhar com, digamos, um homem com cabeça de borracha; ou com uma cobra, além de aproveitar pra fazer uma fezinha no bicho? Pois bem, Freud afirma ser o sonho...” a via régia para o Inconsciente...” Nós psicanalistas, gostamos de contar com isso. De fato, contamos; e isso movimenta o pêndulo do afloramento das significações no contexto da relação com nossos pacientes. E fora deste contexto mais específico, pra que serviria esse monstro horrendo que invadiu com sua horripilante e grotesca figura o mais íntimo do meu recolhimento-o meu sono!? Bem, pra início de conversa, “ele” não invadiu; foi, pelo contrário, convidado a, aí, se instalar e cumprir toda uma alegórica tarefa. Ele aí estaria pra representar algo que me aflige, sem que o perceba com nitidez, mesmo em vigília. Não se trata de uma equivalência de símbolos, mas de uma complexa linguagem cifrada dentro da qual, no exemplo da cobra acima mencionado, eu poderia estar aflito com alguém ou alguma situação que me “cobra” isso ou aquilo. Também não se trata de alguma alucinada sopa de letrinhas; ainda que analistas ditos “lacanianos” sublinhemos que o Inconsciente se estruture como (ao modo de) uma linguagem. Para não adicionarmos alguns complicadores de natureza

teórica, recorro ao discernimento poético de Borges-o genial escritor argentino-quando comenta Coleridge:”...as imagens da vigília inspiram sentimentos, ao passo que no sonho os sentimentos inspiram as imagens(...)Se um tigre entrasse neste quarto, sentiríamos medo; se sentimos medo no sonho, engendramos um tigre.” Ou seja, para entender ou digerir uma aflição ou um medo que ,evocado por uma determinada experiência de vigília(“resto diurno” como a definiria Freud) sobrevenha em pleno sono, para continuarmos descansando pelo sono”...podemos projetar o horror sobre uma figura qualquer, que durante a vigília não é necessariamente horrorosa.” Eis aí a forma que encontrei para convencer pacientes a superar o embaraço inicial do “estranhamento” causado pelos sonhos e passar a anotá-los. Alucinatórios que sejam, sempre trarão à tona-à consciência-a preciosa dinâmica inconsciente subsumida pelos nossos mecanismos psicológicos de defesa. Se não os anotamos, o Inconsciente os “apaga” Supondo agora que se desmistificou algumas idéias errôneas a respeito do assunto, resta-nos esclarecer aqui o próprio estranhamento experimentado ao acordarmos após um sonho dito...”esquisito”.

Ocorre que, ao adormecermos, desligamos por assim dizer, a porção nobre do cérebro( no Sistema Nervoso Central) responsável pela racionalidade dos nossos atos, pela vontade (volição), pela consciência e pela tomada de decisões, entre outras atribuições. Por outro lado, como numa troca de grandes usinas de força, ativamos o Sistema Nervoso Periférico que manterá em funcionamento os batimentos cardíacos por exemplo e toda a musculatura lisa do corpo. Entramos então em sono profundo e, na sequência, no sono do sonho(é a chamada “fase REM do sono; abreviatura em inglês para o fenômeno dos movimentos rápidos dos olhos-que corresponde em média a dez ou vinte minutos de sonho). É então que, do ponto de vista psicodinâmico “repassamos” acontecimentos, sensações e percepções vivenciais do período de vigília, sucedendo que, entre estas imperceptíveis ocorrências, as que lançaram alguma questão psicologicamente significativa ao nosso registro inconsciente, receberão um “tratamento” semelhante a uma narrativa ficcional calcada numa figurabilidade especial. Costumo usar em consultório uma observação citada também por Borges e atribuída a Joseph Addison (num ensaio de 1712) segundo a qual “...a alma humana quando sonha, desligada do corpo é, a um tempo, o teatro, os atores e a platéia”. Borges acrescenta que é “...também a autora da fábula que está vendo...” Sobre a referida figurabilidade é necessário esclarecer que o “tratamento” dado ao material psicologicamente significativo já aludido (e para que continue “latente” e censurado pelo

consciente) constitui-se de algumas operações de natureza lingüística (metáforas, ou, analogias condensadas, e metonímias, tais como tomar “a parte pelo todo”, “o objeto pela pessoa que o usa”, o “continente pelo conteúdo e outras) e, por vezes, imagéticas. Para ilustrar esse mecanismo, menciono um desenho a mim oferecido pelo meu filho em que, a cabeça de um presumido homem asiático, aparece transpassada pela figura de uma aeronave civil, de ponta à ponta, seguida no plano seguinte por uma alusão estilizada às torres gêmeas recém atingidas em Manhattan. No “balãozinho” a inscrição: “Saiu da cabeça dele!”. Neste caso, uma metáfora inscrita num grafismo, ..” como se “o avião a que alude o desenho ter-se-ia materializado e condensado na abstração de uma idéia... a de arremeça-lo! Se está claro que, para defender-se de uma emoção negativa ou ameaçadora de medo ou aflição, o nosso Inconsciente transforma, edita ou deforma o material latente (e precioso para a análise!) até que ele possa ser resgatado pela memória consciente e experienciado pelo sonhante (prá diferir de “sonhador”) como algo estranho, então podemos afirmar que através de um bem sucedido trabalho de distorção e disfarce, o sonhante não teve seu sono interrompido e a narrativa do sonho deu certo; funcionou. Quando, aliás, não funciona, temos os aterrorizantes pesadelos – os sonhos mal elaborados – os que nos fazem despertar subitamente numa angústia horrível (proveniente de nossos censurados afetos). Pensando assim, tecnicamente, pesadelos são sonhos que não deram certo. Mas... se nos embrenharmos distraidamente, e mais uma vez, nas reflexões de Borges:

“(...) e se os pesadelos forem estritamente sobrenaturais? Digamos que fossem fendas do inferno. Dentro dos pesadelos, não estaríamos literalmente no coração do inferno? Por que não? Tudo me parece tão estranho que até isso seria possível.” Bem, que os pesadelos fiquem para o ano que vem. Ou o outro!

## REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luís. **Libro del sueños**. Buenos Aires: Torres Agüero, 1976.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Trad. Luis Lopez Ballesteros de Torres. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1972. (Título original: Die Traumdeutung)